

HUMOR, ENSINO E DISCURSO

Maria Cristina de Moraes Taffarello¹

RESUMO

Baseado na perspectiva teórica da Análise do Discurso francesa, este artigo visa a discutir alguns aspectos do processo de ensino / aprendizagem da língua portuguesa e da interação do aluno–sujeito em situações concretas de recepção / produção do discurso.

PALAVRAS-CHAVE: discurso; polifonia; educação; ideologia; subjetividade.

ABSTRACT

Based on the French Discourse Analysis theoretical perspective, this article aims the discussion of some aspects in the process of education/learning of the Portuguese language and the interaction of the pupil-subject in concrete situations of reception / production in the discourse.

KEY-WORDS: discourse; polyphony; education; ideology; subjectivity.

INTRODUÇÃO

Este artigo se assenta nas contribuições da Análise do Discurso (AD) de linha francesa associadas à visão sociointeracionista do filósofo soviético Bakhtin (1929). O processo de ensino/aprendizagem da língua portuguesa tem sido revisto em função da ampliação da própria concepção de linguagem, a qual, para ser produzida nas diversas situações de discurso, engloba, ao mesmo tempo, interlocutores, enunciado e mundo.

Com Pêcheux (1975:157), por exemplo, consideramos que o sujeito se constitui pela ideologia na enunciação, isto é, é o sujeito do discurso. Sendo assim, concordamos com a proposta de Cardoso (1999:33), segundo a qual as práticas de leitura e produção textuais são modos de produção social das formas de subjetividade. Além disso, cabe à escola “o desafio de oferecer condições para que também os alunos de classes menos favorecidas se tornem qualificados para o exercício de

Mestre e Doutora em Lingüística pela UNICAMP. Professora de Lingüística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras Padre Anchieta. Professora do curso de Pós-Graduação em Criatividade e Produção textual das Faculdades Padre Anchieta.

diferentes tipos de discurso: o da imprensa, o da propaganda e marketing, o literário, o científico, o político etc". Acrescentamos a essa lista o texto de humor, objeto de nossa análise, por considerá-lo bastante fecundo nessa prática pedagógica.

Propomos aos professores sua inserção em sala de aula com objetivos mais precisos e procuramos demonstrar como, de maneira singular, ele permite o contato entre o estritamente lingüístico (a língua entendida como um sistema) e o não-lingüístico (um lugar de investimentos sociohistóricos e ideológicos) por meio da interação e engajamento dos sujeitos em situações concretas de recepção/produção de discurso. De acordo com Possenti (1991), estaríamos não só diante de um bom laboratório de teste, mas também lidando com dados divertidos.

ALGUNS FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Para Bakhtin (1929), a língua continua a ser vista, conforme frisava Saussure, como um fato social, porém, inserida num processo dialógico, isto é, um processo de criação contínua realizado pela interação social de locutores. Com os avanços da pesquisa da corrente francesa da AD, a noção da subjetividade se amplia, fortemente influenciada pelo conceito de *ideologia*, sobretudo como elaborado por Althusser (1970), e pelo de *discurso*, tratado pelo filósofo Foucault (1969): a constituição dos sujeitos e dos sentidos se dá no espaço construído pelos sujeitos interlocutores. Foucault (1969, apud Maingueneau, 1987:14) define *formação discursiva* (FD) como "um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma época dada e para uma área social, econômica, geográfica ou lingüística dada, as condições de exercício da função enunciativa."

Sendo assim, é a FD que comanda o que pode/deve ser dito a partir de um determinado lugar social, isto é, o lugar onde se articulam discurso e ideologia. Uma FD é, na verdade, governada por uma *formação ideológica* (FI), definida como "um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem individuais, nem universais, mas se relacionam, mais ou menos diretamente, às *posições de classe* em conflito umas com as outras". (Haroche et alii, 1971:102).

As pesquisas atuais da AD, sobretudo levadas a efeito por Authier-Revuz (1982, 1984), permitem ainda a sustentação da chamada heterogeneidade discursiva, categoria que leva a desvendar a dinamicidade do processo de construção e reconstrução dos sujeitos e dos sentidos nas práticas discursivas, sobretudo de leitura, que nos interessa particularmente.

No decorrer da análise, será abordado tanto o conceito de polifonia, também elaborado por Bakhtin e ampliado por Ducrot (1984), como o de heterogeneidade mostrada marcada (ênfatizando o discurso relatado) de Authier-Revuz (1984). Essa forma de heterogeneidade se articula sobre a realidade da heterogeneidade constitutiva do discurso, não marcada em superfície, mas definível a partir do pressuposto da presença constante do Outro na constituição de uma FD. Esta heterogeneidade é

concebida no nível do interdiscurso e do inconsciente.

Levados para a prática da sala de aula, tais processos devem ser tomados como gestos dirigidos a um alocutário com funções específicas, o que transcende o prazer que o texto, por ser de humor, normalmente proporciona.

UMA PRÁTICA DO DISCURSO HETEROGÊNEO

O texto (em anexo) em questão é *Buamba! O Magdo Galvão é um sapo pronto pra explodir!* de José Simão, publicado no caderno Ilustrada da *Folha de S. Paulo* em 19 de abril deste ano. Mesmo cientes de que o fator atualidade é também responsável pelo humor, cremos desnecessário inserir esse texto num contexto histórico-social, já que é recente. Procuramos limitar a análise a passagens mais significativas par a atual proposta, haja vista a extensão do texto e, conseqüentemente, a amplitude dos dados.

Em primeiro lugar, esclarecemos, com base na noção de polifonia, que o locutor é o ser que, no enunciado, é apresentado como seu responsável, embora possa não coincidir com seu produtor físico, ou seja, o autor efetivo da fala ou da escrita. Por ser um texto humorístico, pode-se dizer que há um locutor L1, que é o humorista, trabalhando uma heterogeneidade de modo a colocar o discurso humorístico num espaço discursivo do “contexto incorreto”, situado, na verdade, no espaço de embaite de forças ideológicas do bem contra o mal, do ético contra o não-ético, como tentaremos mostrar.

Que discursos atravessam esse texto? Nota-se que há vários episódios sendo relatados, aparentemente sem muito nexos: a) roubo durante apresentações artísticas (*Arrastão no show da Ivete Sangalo*, linhas 5 e 6; *Por isso que rico só vai na Cultura Artística. Porque fica sentado em cima da carteira!*. l. 15 a 18); b) a partida de futebol entre Portugal e Brasil, narrada por Galvão Bueno, satirizado como “burro” (não só por ser chamado de *Magdo*, nome transformado de *Magda*, personagem do extinto programa *Sai de Baixo*, como também pelas passagens de seu relacionamento com *Lucianta*, ou melhor *Luciana Gimenez* l. 44 a 48); c) o cenário político-econômico brasileiro, lutando pela aprovação da emenda que permita a continuação da cobrança da CPMF, tendo, compensatoriamente, aumentado o IOF. Todos esses episódios são costurados pelo discurso ético da honestidade (encoberto pelo já aludido discurso do contexto incorreto), o qual não aceita nem roubos em massa e às claras do tipo arrastão, nem parcialidade de locutor esportivo ([Galvão] *É um bônus track! E sabe qual a diferença entre o Galvão e a torcida? É que o Galvão ganha pra torcer e a torcida paga pra assistir*. l. 35 a 39), e muito menos roubo do governo: *E o Malanta (ministro Malan) com o Assalto ao Cliente Pagador?* l. 60-1 (e note-se a intertextualidade com o título do filme *Assalto ao trem pagador*). Além disso, o próprio dicionário “Tucanês”, cujo mestre é FHC, expõe uma forma “retórica” de enganar.

De fato, esse discurso ético institui o seu “outro”, podendo ser lido no seu avesso, quando escancara a voz do poder: Só com a colaboração de todos, o governo pode crescer; a cobrança de impostos é necessária para o progresso - ou seja, o discurso escorado em uma ideologia dominante desde a Antiguidade, quando se devia “dar a César o que era de César”, embora o povo (e as empresas agora) se rebelde até hoje.

Ao lado do enfoque dado ao processo desta heterogeneidade constitutiva, que demonstra o privilégio do interdiscurso sobre o discurso, através de “reconfiguração incessante” (Courtine, 1981:24) de incorporação, em uma FD, de elementos pré-construídos, temos as marcas da heterogeneidade mostrada, através das quais o sujeito negocia seu próprio discurso.

Quais são os sujeitos desse texto? Como vimos, L1, o locutor responsável, coincide com o humorista de um jornal cujo alocutário é bastante crítico, o leitor da *Folha*, ao qual faz constantes observações, tornando-o seu cúmplice: *E Brasil e Portugal? Eu não [lhe] disse que Portugal adota a tática padaria.* (l. 18 a 20); *E avisa pro Cafu que ele não tava jogando na Festa do Peão de Barretos.* (l. 28 a 30); *E sabe [você] qual a diferença entre o Galvão e a torcida?* (l. 36 e 37); *Adivinha [tu] como se chama o jornal de futebol?* (l. 50 e 51). No entanto L1, usando o discurso indireto (DI) e o direto (DD), vai expondo os questionamentos de outros locutores: L2, *uma leitora amiga minha* (l. 40) e L3, *uma leitora* (l. 61); ou relatando a decisão de L4, *um outro* (l. 66) e até a pergunta “cretina” de L5, *um empresário* (l. 62) através de DD.

Maingueneau (2000:149-52) comenta que, através do DI, o enunciador citante não traduz as falas citadas, mas o “conteúdo do pensamento”; sendo assim, “para um leitor instruído, o jornalista prepara um produto que fale à inteligência desse público e atrás do qual ele se apaga”. Dessa forma, através de uma só situação de enunciação, os jornalistas atuam em duas frentes: mantêm uma certa distância dos indivíduos de quem falam, mas tentam colar-se à sua linguagem e ao seu ponto de vista. O que se observa com relação ao texto é que L1 não se apaga atrás do produto de sua citação, mas compartilha da curiosidade das questões indiretas e diretas: quando Galvão irá raspar sua “monocelha” (L2); se, ao aprovarem a CPMF, vão se lembrar de retirar o aumento do IOF (L3); por que o Governo, quando tem problema, aumenta o imposto, e as firmas são obrigadas a fazer a tal da lição de casa (L5), em referência a terem de cortar gastos. Além disso, L1 igualmente compartilha da decisão de outro (L4) de não mais pagar lporra nenhuma, mas depositar num paraíso fiscal...

CONCLUSÃO.

Já que os lugares sociais existem por meio de uma rede de lugares e “encenações” discursivas, os professores e os alunos se constituem pela linguagem. Com Cardoso (1999:53), entendemos que “ser sujeito” do discurso pedagógico é não só

estar sujeito às imposições da instituição escolar num dado momento histórico, mas também ocupar o lugar que ela determina, porém procurando agir de forma a fazer da sala de aula um espaço antes transformador do que reproduzidor da ordem social.

Um texto desse tipo pode oferecer a oportunidade de se trabalhar com o aluno: a) aspectos pragmáticos: a relação entre os locutores e seus alocutários, sobretudo nas estratégias do discurso relatado; b) aspectos discursivos: discutir o papel crítico do texto humorístico na sociedade; c) aspectos gramaticais: notar não só o léxico empregado, como o vocabulário de um campo semântico – futebol ou padaria, por exemplo – utilizado em outro – o político-econômico, ou ainda atentar para as engenhosas tramas estilísticas do dicionário Tucanês; a morfologia: o processo de formação de palavras como *baguranga*, *tucanar*, *Lucianta*, *Malanta*; o semântico: palavras polissêmicas (*massa* e *bolo*) e expressões nominais definidas ([Galvão] *É um bônus track*); d) a produção de novos textos, inclusive humorísticos, em que o aluno se coloque como locutor e saiba oferecer conscientemente seu “produto”. E, felizmente, esses aspectos não se esgotam por aí.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, L. (1970) *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*, Lisboa, São Paulo: Presença – Martins Fontes, 1974.

AUTHIER-REVUZ, J. (1982) Hétérogénéité montrée et constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours. *DRLAV*, Paris, (26): 91-151.

_____ (1984) Hétérogénéité(s) énonciative(s), *Langages*, n. 73, p 98-109.

BAKHTIN, Mikhail. (1929) *Marxismo e Filosofia da Linguagem; problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

CARDOSO, S. H. B. *Discurso e ensino*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

COURTINE, J. J. (1981) Analyse du discours politique. *Langages* (62).

DUCROT, Oswald. (1984) *O dizer e o dito*. Campinas, S. Paulo: Pontes, 1987.

FOUCAULT, M (1969) *A arqueologia do saber* (Trad. De *L'Archéologue du savoir*, por Luiz Felipe B. Neves) 3.ed. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1986.

HAROCHE, C, HENRY, P, PÊCHEUX, M. (1971) La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours. *Langage*, Paris: Larousse (24).

MAINGUENEAU, D. (1987) *Novas tendências em análise do discurso*. 2. ed. Campinas, Pontes, 198 p., 1993.

_____ (2000) *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

PÊCHEUX, M. (1975) *Semântica e discurso; uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, UNICAMP (Coleção Repertórios), 1988.

POSSENTI, Sírio. (1991) Pelo humor na lingüística. *Delta*, São Paulo, 7 (2) : 491-519.